

# Ainda o poder da sedução

## Eu, mulher da vida

LEITE, Gabriela Silva

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992,  
175 p.

O livro de Gabriela Silva Leite, a Gabi do jornal *Beijo da Rua*, suscita de imediato três questões: a do livro-depoimento escrito por *ghost-writer*; a da prostituição como profissão escolhida e prazerosa; e a do movimento feminista frente ao tema prostituição. Vamos à primeira.

Até que ponto o livro é de Gabriela ou de Gustavo Barbosa e Ricardo Costa? No posfácio que é incluído exatamente para falar da função do *ghost-writer*, eles dizem que "o livro é de Gabriela. E foi muito bom tê-lo escrito". Ai está a dúvida, explicitada aliás com muita graça. Ao escrever, ao transpor simbolicamente o que Gabriela narrou – e, portanto, apresentou também simbolicamente – os dois redatores transformaram muito o que seria a matéria-prima do livro: as experiências e as opiniões de Gabriela. Neste mesmo posfácio, ela elogia a sensibilidade de seus 'escritores fantasmas', afirmando que foram capazes de "captar, na medida do possível, o meu jeito de pensar e me expressar" (grifo meu).

Não pude deixar de pensar no livro *Zélia, uma paixão*. Quanto tem de Fernando Sabino aquele depoimento que teve o dom de despertar tanta ira? Seria interessante, agora que já assentou a poeira do escândalo, examinar o porquê de um simples livro ter provocado declarações de líderes respeitáveis do movimento feminista do tipo: "tantos anos de luta agora destruídos"; "que imenso retrocesso para o movimento!" O que teria tornado este livro tão destrutivo? As experiências pessoais de Zélia Cardoso de Melo, a maneira como ela resolveu narrá-las ou a forma que o escritor deu ao que ouviu?

No caso do livro *Eu, mulher da vida*, há outro complicador: ora aparece Gabriela, a prostituta, ora Oflília, nome de batismo de Gabi. E o capítulo mais bem escrito, mais bem urdido é o primeiro, em que, à maneira de boa ficção, defrontam-se na rua, em uma chuvosa manhã paulistana, as duas mulheres que habitam a narradora: Oflília, a ex-estudante da USP, triste,

desanimada, derrotada, e Gabriela, a prostituta segura, "cabeça erguida, desafiando o mundo". Neste capítulo literário, ser prostituta é pura libertação.

Depois do primeiro capítulo romantizado, que é todo dos 'narradores fantasmas', no resto do livro o que domina é o discurso da Gabriela paladina das causas da prostituição, encarada como profissão como outra qualquer, e da descriminalização da cafetinagem. Ao lado de afirmações provocadoras como "Gosto de ser prostituta" (título de capítulo, inclusive) e "Quando dei de cara com o Mangue foi uma paixão à primeira vista", surge a agressividade, a maneira desabusada da narradora hegemônica (já que Oflília logo se transforma em passado superado) investir contra todas as instituições, contra toda hipocrisia – ou contra tudo o que rotula de hipocrisia.

Fica claro que quando chama ex-prostitutas de "madalenas arrependidas ferozes", quando se lamenta por ter ficado um tempo "presa à Teologia da Libertação", ou denuncia a falta de coerência de esquerdistas em geral e petistas em particular, Gabriela está investindo contra todos os que não aceitam sua visão da prostituição. Outra incoerência que fica patente na leitura do livro é a dela própria, quando defende a necessidade da realização sexual, ao dizer que "cada um deve realizar o tesão que estiver a fim", e depois se lamenta por ter ficado com a vida chata quando deixou a prostituição para trabalhar na Pastoral. "Oito meses sem transar com ninguém, não há Cristo que aguentel!" não combina com o conceito de prostituição como profissão, como puro negócio.

E já estamos tratando da segunda questão.

"Desempregada, sem um tostão no bolso, eu havia decidido viver da prostituição por um tempo". "Depois de passar meses muito dura, com uma grana que não dava para nada, comecei a ganhar mais numa semana do que ganhava em um mês como secretária. E me entusiasmei no negócio". Entre essas duas frases, há a descrição crua do aprendizado da profissão, do acostumar-se à 'pegação de homem' no pior prédio da Boca do Lixo em São Paulo.

É curioso como, no livro, as cenas mais sórdidas são descritas como cenas de batalha em filme histórico. Quem narra é sempre o vencedor; o tom é sempre de vitória. Gabriela se apresenta como alguém que derrotou os preconceitos, os cafetões que tentaram dominá-la, as

beatas que quiseram reabilitá-la, os intelectuais que insistiram em enquadrá-la, as feministas preconceituosas com que até, garante, pareceu um dia. Nisto consiste a fraqueza de sua argumentação: a liberdade que a prostituição pode dar só pode ser alcançada por seres superiores como ela. Os outros são sempre fracos ou arrogantes.

A apologia da luta individual, o horror ao coletivo e aos movimentos é o que fica deste discurso de Gabriela. Mas não é simples assim. Muitos temas são discutidos de forma super-emocional, mas inteligentes: a postura do governo em relação à Aids, dos movimentos homossexuais em relação aos travestis, dos petistas em relação à marginalidade. A narradora é viva e conta coisas vividas; fala de gente conhecida. Termina conseguindo que a leitora também desconfie dos movimentos de liberação existentes; que fique tentada a aplaudir a heroína solitária – como convém às heroínas.

É muito raro ver a prostituição discutida pelas próprias prostitutas. As 'madalenas arrependidas' de Gabriela são, de fato, presença mais constante e prestigiada nos encontros promovidos quase sempre por entidades religiosas. Mas a visão benevolente da prostituição é comum em não-prostitutas que se ocupam do tema. Em artigo publicado na revista *Ms* de janeiro/fevereiro deste ano, Jane Anthony, escritora que durante um ano e meio trabalhou como prostituta (a partir de uma decisão que tomou "como adulta"), e hoje milita no movimento feminista norte-americano, explica bem o fenômeno.

"Algumas mulheres que reconhecem o estupro e o espancamento (que podem acontecer com elas, independentemente de sua posição sócio-econômica) como violência, ao mesmo tempo defendem a pornografia e a prostituição (que frequentemente envolvem estupro e outras violações, mas que dificilmente aconteceriam a elas)".

Para Jane Anthony, a experiência do negócio que entusiasinou Gabriela não foi nada prazerosa. "Apesar do período relativamente curto em que fui prostituta, anos depois ainda me sinto, em meus momentos mais vulneráveis, vivendo com o fantasma da prostituição – a sensação de não ser humana".

Jane Anthony não acredita na prostituição como atividade escolhida, da mesma maneira como não acredita que as mulheres espancadas pelo marido que continuam casadas porque não têm alternativa de sobrevivência econômica 'escolham' esta continuação do casamento. Chega mesmo a citar Evelina Giobge, que, num trabalho denominado "Confrontando

as mentiras liberais sobre a prostituição", afirma ser "o desmantelamento da instituição da prostituição a mais formidável tarefa que desafia o feminismo contemporâneo".

Gabriela odiaria este artigo. E muitas feministas também. A prostituição é um tema que – como tantos outros – divide o movimento. Mas a discordância da autora de *Eu, mulher da vida* com o movimento feminista é mais funda. "Já gostei e hoje não gosto mais do discurso das feministas. Assim como no discurso da Teologia da Libertação e outros do gênero, tem sempre o maniqueísmo do explorado e do explorador, oprimido e opressor"... "Nós, mulheres, temos um baita poder com os homens. Um poder que não devemos deixar de lado: o da sedução".

O livro, com sua linguagem livre, abordando temas em geral escamoteados, parece ousado, 'prá-frente'. Mas quando se apegar ao poder de sedução das mulheres, a narradora produz uma identidade feminina bem antiquada. Ou seria bem popular? Vejamos.

"Mulher é filha da puta, quando vê que o homem está acompanhado dá corda, fica paquerando" (p. 19). "A mulher que já se apaixonou mais de uma vez e conhece um pouco da natureza dos homens saberá utilizar a sedução como seu poder pessoal" (p. 28). "A sedução do homem é mais 'chão', é menos sutil e menos poderosa que a da mulher" (p. 30). "Tem mulher que gosta de dar dinheiro para cafetão, e não adianta vir com esse discurso babaca (das feministas) que não muda nada" (p. 58). "Eu sempre gostei mais de trabalhar em casa de homossexual do que de mulher, por eles serem mais profissionais, mais claros na relação patrão e empregado" (p. 74).

Esses são conceitos de uma mulher batalhadora, que militou em pastorais e em um partido político de esquerda, que milita no movimento das prostitutas. Surge, então, para mim, outra dúvida: Gabriela não compreendeu – ou simplesmente rejeitou – o discurso feminista, ou o discurso feminista, no Brasil, ainda não conseguiu abrange problemas que não são da classe média?

ANA ARRUDA CALLADO ■